



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

ALUNA DA EJA: QUEM É ESSA MULHER?

**Rejane de Barros C. Ferreira
Veridiana Xavier Dantas**

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

Este estudo, em andamento, tem como objetivos traçar o perfil da mulher/aluna na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e analisar os entraves em sua inclusão, nas escolas municipais de Bayeux, investigando como grupos antes conduzidos à invisibilidade constroem estratégias de ação, fugindo ao silenciamento, fazendo-se presente na área educacional. Lançamos mão de uma abordagem qualitativa, que permite examinar melhor os vários aspectos dos temas que queremos analisar, os quais nesse estudo são os entraves na inclusão do gênero feminino na EJA; recorremos a uma revisão bibliográfica em busca de estudos cujas discussões são afins à temática ora em relevo e procedemos à análise documental, tendo como fonte a produção textual dos sujeitos da pesquisa. A partir da análise de conteúdo dos referidos textos, é possível traçarmos um perfil da educanda da EJA. Numa análise inicial, constatamos que embora a aluna da EJA se perceba de forma desfavorável em relação a alunos (as) de outras modalidades de ensino, geralmente, seu (re) ingresso na escola associa-se à procura de melhoria nas condições de vida, uma vez que, em geral, são oriundas das camadas sociais de menor poder aquisitivo, vivendo na linha da pobreza e da miséria. A continuidade e conclusão da pesquisa certamente trarão novos elementos para a construção do perfil dessa mulher.

Palavras- chave: Educação de Jovens e Adultos. Mulheres. Gênero. Inclusão.

Introdução

O interesse por pesquisar sobre a questão de gênero na Educação de Jovens e Adultos - EJA foi despertado em meio ao nosso exercício da docência como supervisora e coordenadora da EJA no município de Bayeux. É nessa condição que temos observado que há um entrave na inclusão da mulher na EJA. Inclusão não ao acesso, mas a permanência no curso, evidenciada pela evasão escolar, reprovação e dificuldades de aprendizagem.

Os alunos que são “alfabetizados” não demonstram competência e habilidades ao término de sua escolarização, uma vez que, ao sair da escola, na



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

maioria das vezes, não conseguem fazer o uso social dessa aprendizagem. No que se referem às mulheres as dificuldades parecem ainda maiores, haja vista que sua trajetória sempre foi considerada como submissa ao gênero oposto. Apesar das lutas pelo seu espaço na sociedade, ainda encontram entraves na conquista de seus direitos.

Este estudo tem como objetivos traçar o perfil da mulher/aluna na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e analisar os entraves em sua inclusão, nas escolas municipais de Bayeux, investigando como grupos antes conduzidos à invisibilidade constroem estratégias de ação, fugindo ao silenciamento, fazendo-se presente na área educacional.

Pretendemos, portanto, despertar reflexões por algo tão significativo e relevante que é a inclusão efetiva em todos os aspectos educativos das mulheres na EJA, detectando as dificuldades enfrentadas por elas no decorrer da sua história

Para este estudo, lançamos mão de uma abordagem qualitativa, que permite examinar melhor os vários aspectos do tema que queremos analisar, qual seja, os entraves na inclusão do gênero feminino na EJA; recorreremos a uma revisão bibliográfica em busca de estudos cujas discussões são afins à temática ora em relevo e procedemos à análise documental, tendo como fonte a produção textual dos sujeitos da pesquisa. A partir da análise de conteúdo dos referidos textos, é possível traçarmos um perfil da educanda da EJA.

Esse estudo questiona uma visão linear, onde apenas um prisma da diferença é considerado. Pesquisaremos, então, focando o gênero feminino situado no interior da EJA, que se encontra na condição tanto de excluído da escola regular como também de excluído sócio-historicamente.

Essas questões nos remetem à história da Educação no nosso país marcada pela “negação” da participação das camadas menos favorecidas, sobretudo das mulheres, à escolarização.

No Brasil a partir da década de 30, começaram, de forma sistemática, as primeiras iniciativas com relação à Educação de Jovens e Adultos, quando o ensino público primário gratuito e obrigatório, se tornaram direito de todos. Assim, essa modalidade de ensino vem ocupando seu espaço na dinâmica dos processos



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

educativos, tanto no tocante à pesquisa, como das práticas educativas. Neste período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos. A oferta de ensino básico gratuito estendia-se consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes educacionais para todo o país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios. Tal movimento incluiu também esforços articulados nacionalmente de extensão do ensino elementar aos adultos, especialmente nos anos 40, quando se começou a detectar altos índices de analfabetismo no país, o que acarretou a decisão do governo no sentido de criar um fundo destinado à alfabetização da população analfabeta.

A partir da década de 50, começam as críticas à Campanha de Educação de Adultos dirigida tanto às suas deficiências administrativas e financeiras quanto à sua orientação pedagógica. Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país. Todas essas críticas convergiam para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para educação de adultos, cuja referência principal foi o educador Paulo Freire.

A EJA começa ser reconhecida a partir da constituição Brasileira de 1988, a qual estabelece o direito à educação de jovens e adultos, quando expressa no art. 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria.

Na década de 90, ocorreu em Jomtien, Tailândia, a Conferência Mundial sobre a “Educação para Todos”, que reuniu representantes de governos de vários países, inclusive o do Brasil, o que vem afirmar a preocupação da ampliação da educação.

Em 1997, ocorreu em Hamburgo a V Conferência Internacional de Educação de Pessoas Jovens e Adultas- CONFITEA. No Brasil, todos os segmentos e educadores envolvidos com a EJA participaram de reuniões de preparação para esta



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

Conferência, desencadeando a criação de fóruns estaduais e a realização de encontros anuais. Após a V CONFITEA, ocorreram no Brasil, cinco encontros nacionais da EJA, denominado ENEJA.

Um documento relevante para EJA é o parecer 11/2000 regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA, aprovado em maio, o Parecer é um documento importante para se entenderem os aspectos da escolarização dos jovens e adultos. (LEÔNCIO, 2006, P.12)

Ainda de acordo com esse parecer a EJA já não tem mais a função de suprir, de compensar a escolaridade perdida. São três funções estabelecidas para a EJA: a função reparadora, que se refere ao ingresso no circuito dos direitos civis, pela restauração de um direito negado; a função equalizadora, que propõe garantir uma distribuição e alocação em vista de mais igualdade de modo a proporcionar maiores oportunidades, de acesso e permanência na escola, aos que até então foram mais desfavorecidos, por último, a função, por excelência da EJA, permanente, descrita no referido Parecer como a função qualificadora. É a função que corresponde às necessidades de atualização e de aprendizagem contínuas, próprias da era em que nos encontramos. “Diz respeito ao processo permanente de educação ao longo da vida”. .(LEÔNCIO, 2006, P.13)

Finalmente, em 2003, o Ministério da Educação reassumiu as responsabilidades para com a EJA, quando cria o Programa Brasil Alfabetizado, sem que essa iniciativa suprima a continuidade das demais.

Assim, vem se constituído a história da EJA no Brasil, hoje através de fóruns estaduais, regionais e da realização de encontros nacionais dos segmentos que atuam com essa modalidade de ensino para discutirem as políticas de educação do país e se fazer cumprir o que estabelece a Constituição de 1988, no Art.208.

Nessa perspectiva, analisaremos no campo da Educação de Jovens e Adultos, a presença das mulheres, explorando as interpretações que traduzem, de forma desfavorável, o gênero dos diferentes sujeitos que se legitima com base em estereótipos que, segundo Fleuri (2003, p.02) “indica um modelo rígido a partir do qual se interpreta o comportamento de um sujeito social sem se considerar o seu



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

contexto e sua intencionalidade”, representando uma imagem simplificadora e reducionista de determinadas categorias sociais.

Procedemos à análise documental, tendo como fonte a produção textual dos sujeitos da pesquisa. A partir da análise de conteúdo dos referidos textos, é possível traçarmos um perfil da educanda da EJA, bem como analisar os entraves em sua inclusão, investigando como essas alunas constroem estratégias de ação na família e na escola para fazer-se presente na área educacional.

A análise de dados é o processo de busca e sistematização das transcrições de entrevistas, questionários, análise documental, entre outros materiais coletados com objetivo de compreender esses materiais e de lhe permitir apresentar aos leitores aquilo que encontrou. Conforme Gatti (2007, p.29) “a análise de dados precisa ser interpretada qualitativamente, pois, sem relação a algum referencial não tem significado em si”.

Nesse sentido, os discursos se constituíram em objeto de investigação, uma vez que o corpus da pesquisa se constituiu de documentos produzidos e entrevistas. Daí, o tipo de pesquisa foi a análise de conteúdo, porque de acordo com (FRANCO, 2008, p.12)

O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. As mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza via linguagem. [...]

Com essa experiência percebemos como esse grupo vem se saindo na esfera educacional, sua relação com a família, o trabalho e a escola.

A pesquisa foi realizada com 55 alunas, em três escolas do Sistema Municipal de Bayeux, totalizando 20 % das escolas que atuam com essa modalidade de ensino. Dessa forma, elaboramos seis questões, as quais as alunas responderam por meio de produção textual.

De acordo com as produções de textos, as alunas relataram diversos motivos que levaram ao abandono escolar no ensino fundamental, dentre os quais podemos



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

destacar: optaram pelo trabalho ainda na adolescência; para ajudar a mãe cuidando dos irmãos menores; por causa do casamento (para ser dona de casa e cuidar dos filhos); falta de interesse pelo estudo, varias reprovações e uma delas relatou que não tinha roupas e sapatos para frequentar a escola.

Estes relatos corroboram que são motivos distintos que levam as alunas da EJA a desistirem do estudo e que 60 % dos motivos apresentados foram o casamento e a maternidade, os quais vêm contribuindo para a evasão da EJA atualmente, haja vista que os maridos muitas vezes não assumem as divisões de tarefas e o dever de pai (tomar conta dos filhos enquanto a mulher vai estudar). E ainda pelo machismo, que faz com que tenham “ciúmes” ou até pelo fato de sentirem-se ameaçados pela autonomia da mulher. Além disso, a partir da formação escolar a mulher poderá superá-los profissionalmente.

Outro motivo diz respeito ao trabalho, 20% delas alegaram a necessidade de ajudar no sustento da família não lhes restando tempo para o estudo, uma vez que essas mulheres têm jornada dupla de trabalho, e muitas vezes assumem toda a responsabilidade do lar(financeira e doméstica), ao que parece ser uma característica de um novo modelo de família, na qual a mulher aparece como chefe da família.

Em relação às alunas que relataram à falta de interesse e reprovação, se faz necessário uma reflexão sobre a finalidade da escola e o que se efetiva, uma vez que 19% das alunas não sentem motivadas a continuarem na escola, talvez porque a escola não lhes oferece nenhum atrativo, ou porque o estudo não seja algo significativo para elas. Cabe, portanto, à escola hoje, rever sua proposta pedagógica para poder adequá-la às necessidades e interesses de seus (as) alunos (as). De acordo com Hernandez:

Aproximar-se da identidade dos alunos e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da escola NÃO É apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem. (HERNANDEZ,1998,P.61)

Nesse sentido, a prática da escola não existe em função de si mesma,tão pouco se faz de qualidade se isolada dos desafios apresentados á vida dos jovens e adultos que a procuram. Estes quando vai à escola, o faz em função de aprender algo que lhe



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

possa ter utilidade em suas vidas. A escola é vista para o adulto não apenas como um espaço onde exercitam a leitura e escrita, mas como um lugar de convívio social, onde depositam sua esperança e sonho de que, por meio do estudo possa ser reconhecido socialmente e melhorar sua condição de vida através de um melhor posto de trabalho, como as alunas afirmaram em seus relatos.

Um aspecto que nos chamou a atenção foi o relato de uma aluna, que alegou ter deixado de frequentar a escola por não ter roupas e sapatos. Isso nos faz refletir que a exigência de um padrão de vestimentas existente na escola, o qual nem todos os alunos podem acompanhar, uma vez que muitos vivem na linha da pobreza e da miséria, é um fator que também colabora para a evasão principalmente das mulheres, pois para elas a cobrança da aparência, é maior que para os homens. Essa cobrança em relação à imagem, sobretudo da mulher, influenciada pela mídia ocasiona a mutilação de sua autoestima, se excluindo da participação da vida social.

Com relação ao (re)ingresso à escola percebemos que 80% dos casos estão relacionados à exigência do mercado de trabalho (modelo capitalista), haja vista que as empresas exigem cada vez mais empregados com uma boa formação acadêmica, capacitados, competentes. Nas produções de texto as alunas afirmam que voltar a estudar contribuirá para conseguirem um bom emprego e conseqüentemente, dar melhores condições de vida aos filhos. Outro aspecto apresentado foi a necessidade de acompanhar os filhos nas tarefas escolares para poder ajudá-los. Alegaram ainda que depois que voltaram a estudar perceberam os filhos mais motivados com o estudo, confirmando que os pais são referências para seus filhos.

Ao serem questionadas sobre o que almejam para o futuro em relação à escola, as alunas relataram que pretendem ascender profissionalmente, obter formação superior, preparar-se melhor para realizar concurso. Todas essas opções estão relacionadas a um único objetivo, buscar melhores condições de vida.

Finalizaram a produção de texto abordando suas visões da escola, dentre os aspectos destacados: a escola é essencial para o futuro, é um local de aprendizado, princípio dos sonhos, uma conquista, muitas relataram que a escola está diferente, hoje



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

os professores são mais atenciosos com os alunos, embora muitos alunos não têm mais respeito pelos professores.

Dentre os pontos de vistas apresentados nos chama atenção à visão das alunas sobre a relação professor aluno quando reconhecem que apesar da atenção dedicada pelos professores, os alunos são indisciplinados, “não querem nada com o estudo”.

Apesar de apontarem a falta de interesse dos alunos pela escola, nos seus relatos a escola aparece como único espaço para a solução dos seus problemas, ou seja, é nesse ambiente que vão adquirir conhecimentos necessários para melhorar a qualidade de vida e exercer a cidadania plena.

Para efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos, a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino é necessária. É necessário ainda que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular.

A finalidade da educação, então, é criar condições que favoreçam a construção da postura do ser humano na e com a sociedade, possibilitando-lhe entender e explicar a realidade, enfrentar os problemas do dia-a-dia, buscar soluções, tomar decisões, pôr-se criticamente diante da realidade e intervir para transformá-la e transformar a si mesmo, enquanto sujeito inconcluso, histórico, crítico, criador.

A educação visa a criar condições favoráveis à construção da postura do ser humano por meio de diversos segmentos sociais. Sendo a escola uma dessas instâncias que viabilizam o processo educacional, cujas práticas são reveladas os valores que as fundamentam.

Como sabemos mais do que nunca a Educação de Jovens e Adultos vive hoje momentos de desafios, a qual tenta superar as desigualdades sociais de direitos, quebrando a lógica de que um vale mais do que o outro.

Refletir e estabelecer a finalidade da educação, em particular da escola, significa perceber a diversidade conceitual implícita/ explícita da educação, uma vez que esta contempla aspectos éticos, políticos, pedagógicos, sociais, históricos, culturais e econômicos, entre outros. Por sua vez, essa diversidade exigirá um olhar crítico para as especificidades de cada grupo/ comunidade para qual a escola está a serviço, em



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

virtude da heterogeneidade que lhe é basicamente característica e que identificada, poderá melhor subsidiar a prática.

Nessa premissa, a escola tem que garantir o acesso total, mais amplo e o mais cedo possível de meninas para que, quando adultas estejam com sua formação acadêmica garantida. Essa garantia do acesso ainda na infância irá contribuir para reverter o quadro de preconceito com relação às mulheres, que deveriam ficar em casa, cuidar dos filhos, e por isso, não necessitavam de leitura e de escrita, características do discurso patriarcal, no qual a mulher era submissa ao pai e após o casamento ao marido, sempre ocupando uma posição secundária. Apesar das lutas das mulheres, no que diz respeito à conquista do direito de exercer a democracia e a cidadania, direito de trabalhar fora de casa, entre outros, podemos perceber ainda na sociedade contemporânea resquícios desse discurso patriarcal em relação a família, aos espaços, ao tipo de trabalho, etc. Como Macedo assinala: “Vivemos hoje entre transformações aceleradas e plurais onde grupos sociais tradicionalmente submetidos e silenciados buscam condições de se fazer ouvir” (MACEDO, 2001, p.35)

Assim, vem se constituindo ao longo da história a luta incessante da mulher pelo seu espaço na sociedade, fazendo-se ouvir pelo direito ao voto, as profissões que antes eram destinadas ao homem, igualdade de acesso a educação, porém, mesmo tendo conquistado esses direitos ainda não são reconhecidas. Esse reconhecimento se dará por meio da educação. De acordo com Freire (2006, p.86): “Uma educação que não favoreça a mentira, as idéias falsas, a indisciplina. Uma educação política, tão política quanto qualquer outra educação, mas não tenta passar por neutra.”

É nesse sentido, que temos a pretensão de analisar como as diferentes identidades são constituídas e reforçadas em nossa sociedade por meio dos limites sociais impostos à mulher e que inviabilizam a sua inserção e permanência escolar, através de estereótipos engrenados na lógica do discurso colonial.

Na sociedade contemporânea, elas vêm criando estratégias para conciliar trabalho e família e melhor sobressair tanto nos espaços educativos como no lar, onde muitas vezes estão exercendo as funções do chefe da família, como já foi citado. A inserção ao mundo do trabalho, exigência da crise econômica faz com que as mulheres



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

busquem fora de casa o sustento da família, fatores que muitas vezes vêm contribuindo para o aumento das mulheres na escola, nos cursos médios profissionalizantes e nas universidades. Por outro lado, o trabalho acarreta a falta de tempo na educação (atenção) dos filhos o que dificulta também sua permanência na escola.

É nesse cenário que a mulher aparece como a “protagonista de primeira ordem para manutenção da paz, da segurança e do progresso econômico e social” (RIVERO,1998 p.27). Ou ainda, como um dos principais elementos de estratégia educativa para o enfrentamento da pobreza e do desemprego, ganhando espaço também como fator educativo e cultural, em função dos benefícios que a sua educação poderia reverter, não só em seu favor, como ainda em favor de seus/ suas filhos/as.

A partir dos anos de 1940, a mulher foi acolhida pelo sistema educacional no tocante ao acesso e a permanência, uma conquista histórica. Hoje, a procura de formação pela educação, ainda que tardia, por esse grupo que historicamente fora conduzido à invisibilidade tendo seus direitos negados, ganha destaque justamente pelo processo de globalização econômica, figurando os efeitos perversos das desigualdades sociais, fazendo com que retornem a escola em busca de uma melhor qualidade de vida. E, a escola mais uma vez não consegue recebê-la.

Logo, destaca-se como papel fundamental do professor sua contribuição em transformar a escola segundo as necessidades, os interesses e os valores de todos que fazem à escola, através de sua atuação pedagógica-política. Nessa perspectiva, Scocuglia (2003, p.84) enfatiza:

Um grande desafio do professor é contribuir para a reversão do fracasso escolar, produzido a partir das premissas e das expectativas negativas da escola e dos alunos. A escola não se prepara para receber e trabalhar com crianças, jovens e adultos das camadas populares e estes, por sua vez, não têm nenhum sentido de pertencimento em relação à escola” dos outros”. A escola é “do Estado”, “da direção”, do “poder público”... e quase nunca “pertence” aos alunos.

Nessa perspectiva, a escola vem contribuindo para esse fracasso, pois nem sempre conseguiu acolher e entender os diferentes perfis de alunos que a



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

procuram. Algumas vezes, a escola confunde igualdade com uniformidade e diferença com inferioridade. No que tange as mulheres, às vezes, a escola não atende as suas expectativas, a partir de seu discurso e de suas práticas (machista, preconceituosa, discriminatória, autoritária) que não motivam a permanência desse subgrupo.

Ao levantar questões relativas a quem é este/a educando/a da Educação de Jovens e Adultos (EJA) torna-se possível explorar as interpretações que o/a traduzem de forma desfavorável. O/a adulto/a para a EJA, é, geralmente, aquele/a que procura a melhoria nas condições de vida, que têm menor condição financeira, que muitas vezes vivem na linha da pobreza e miséria. É comum ainda na EJA, que estes/as adultos/as sejam filhos/as de pais analfabetos, a grande maioria trabalhadora com empregos não qualificados.

Dessa forma, os/as educandos/as de EJA constituem um grupo que fora excluído da escola, mas que não se mantivera assim ao buscar, mesmo que tardiamente, a conclusão da escolaridade. Assim, no processo de construção da identidade dos sujeitos que constituem a EJA é explícita a sua definição a partir daqueles que não apenas dominam e fazem uso do código lingüístico, os letrados, mas também em contraposição a uma sociedade capitalista que valoriza a ascensão social.

É relevante reconhecermos que a EJA é uma dívida social não reparada para com aqueles que não tiveram acesso à escolarização. Hoje, o aluno embora tenha o acesso não tem garantia de permanência e sucesso, uma vez que a EJA não atende às expectativas desses (as) alunos(as), no que tange aos processos formativos, desde a qualificação profissional até outras dimensões extra-escolares.

Apesar de, historicamente, a EJA ter sido apresentada como apêndice de campanhas e programas de governo, hoje se faz necessária uma discussão mais ampla, uma vez que a clientela jovem e adulta está retornando a escola e o professor precisa estar preparado para recebê-lo.

Fundamentando-se no exposto, a construção desse perfil é relevante, para apontarmos diferentes direções para a prática docente, a partir das finalidades que indicam para os processos educativos e assim nos ajudem a perceber os profundos desafios da existência humana e suas possíveis direcionalidades.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

Numa análise inicial, constatamos que embora a aluna da EJA se perceba de forma desfavorável em relação a alunos (as) de outras modalidades de ensino, geralmente, seu (re) ingresso na escola associa-se à procura de melhoria nas condições de vida, uma vez que, em geral, são oriundas das camadas sociais de menor poder aquisitivo, vivendo na linha da pobreza e da miséria. E ainda que o retorno a escola seja para ampliar sua visão de mundo e para manter-se atualizada para ajudar seus filhos nas tarefas escolares. É comum, ainda, na EJA, que essas jovens e adultas sejam filhas de pais analfabetos, a grande maioria trabalhadora com empregos não qualificados. A continuidade e conclusão da pesquisa certamente trarão novos elementos para a construção do perfil dessa mulher.

Referências:

FLEURI, R.M. **A questão da diferença na educação**; para além da diversidade. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas. MG, 2003

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise do Conteúdo**. 3ª edição. Brasília. Líber Livro Editora. 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 47ª. São Paulo: Cortez, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Editora, 2007.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre. Artmed, 1998.

MACEDO, E. **Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento**: uma visão cultural do currículo de ciências. In: Lopes, A.C. & MACEDO, E.F. (orgs), (2001). **Currículo de ciências em debate**. São Paulo: Papyrus.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. -(Diretrizes Curriculares Nacionais)

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A Educação de Jovens e Adultos**: histórias e memórias da década de 60. Brasília: Plano Editora / Editora Autores Associados, 2003.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

RIVERO, José. Educación y Pobreza – Políticas, estrategias y desafíos. In: SEMINARIO REGIONAL PROGRAMAS DE EDUCACIÓN COMPENSATORIA EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Buenos Aires: 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil.** Revistas Estudos Feministas, vol.9,nº2, Florianópolis:2001 p.515-539.